

O FOGO
caminha
comigo

#contos
#noitesdetempestade



Jefferson Sarmiento

Jefferson Sarmiento

**O fogo
caminha
comigo**

O fogo caminha comigo
Copyright © by Jefferson Sarmiento

O conteúdo desta obra, inclusive revisão ortográfica,
é de responsabilidade exclusiva do autor
e faz parte da coletânea
Noites de tempestade

Capa
Jefferson Sarmiento

Rio de Janeiro, 2017
1ª Edição

Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada, fotocopiada, reproduzida
por meios mecânicos, eletrônicos ou outros quaisquer sem a prévia autorização do
autor

jeffersonsarmiento.escritor@gmail.com

O fogo caminha comigo

O sol começou a despontar por volta das cinco e quarenta. Dava para ver, olhando na direção das montanhas, que naquele lado o véu de escuridão estava sendo trocado (milímetro por milímetro, aos poucos, como o avançar e o recuar das marés) por um degradê sutil de azuis; primeiro escuros, depois em tons mais claros. Fascinante.

Vi que Lucas abriu os olhos devagar, mantendo-se na mesma posição, tentando adivinhar qual vértebra doeria primeiro quando se mexesse. O corpo já se ia acostumando àquelas noites sem colchões macios e cobertores quentinhos. Quando parou o carro na beira da estrada, já perto da meia-noite, nem teve ânimo de abrir o saco de dormir – menos ainda a barraca cheia de varetas e grampos. Garimpou do banco de trás o chapéu de palha que herdara de Ernesto, seu avô postiço, e ajeitou-o na cabeça e sobre a testa, de modo que os faróis dos carros não acertassem seus olhos fechados enquanto tentava colocar a carcaça para dormir. Pegou também a toalha de rosto do portaluvas e colocou-a sobre a mão direita, escondida entre os dois bancos,

ao lado do freio de mão. Ali embaixo, enrodilhados com força, os dedos seguravam o cabo da Glock 18.

Velei seu sono, gastando o tempo que se farta aos goles de sua juventude. Estive com ele várias vezes, mas nunca tão de perto. Passei a seu lado como me furto passar silencioso por todos os outros. Mas hoje... hoje é diferente.

Ele acordou e ficou ali observando o amanhecer. Só depois que o primeiro cisco brilhoso do sol surgiu tímido atrás das montanhas é que Lucas se mexeu. Usou a mão esquerda para esfregar o rosto e espalhar a película de sono que ainda dormia entre os olhos. Tirou o chapéu e jogou-o de volta para o banco de trás. Estalou os ossos da coluna e piscou forte os olhos. Revistou os retrovisores e finalmente largou o cabo da arma.

Desceu para aliviar a bexiga. Olhou ao redor e tudo o que viu foi um campo infinito de pés de milho. Estendia-se dos dois lados da estrada e seguia na direção do horizonte. Depois de bochechar com a água que restara na garrafinha caída no assoalho do carona, buscou o mapa no telefone. Esperou o aplicativo encontrar sua localização e revisou o caminho. Estava tão próximo...

Rodou mais vinte quilômetros até encontrar o posto, descer para comer alguma coisa e abastecer o carro. Pediu café e um pão com

linguiça e queijo. A moça que o serviu usava um desses sorrisos fabulosos que destroem o mau humor de um homem. A plaquinha em seu peito dizia que ela tinha o mesmo nome da mãe de Lucas.

Beatriz.

Ainda comeu dois pães de queijo e pagou tudo com uma nota de cinquenta. Quando ela trouxe o troco, eu estava sentado à frente dele e reparei naquele olhar furtivo que ela trazia. Estava na flor da idade, como ele. E eu pensei em como aquilo sempre me surpreendia. Pelo menos quando me permitia reparar neles.

Sei que haverá quem se pergunte se não sinto remorsos.

Não sinto.

– Queria ter mais tempo e ficar aqui pra ver você trabalhar o dia todo e, no fim, te levar pra casa – Lucas disse. Buscou no bolso seu próprio sorriso de feira e o rosto da moça enrubesceu.

– Eu moro aqui em cima, com meu pai. Ele é o dono do posto e do restaurante. Mas pode me dar uma carona até a faculdade.

Saia dessa, moleque – pensei. Mas no instante seguinte tive outra ideia. Ele não precisava sair. Não precisava. No fim, naquele suspiro de moribundos cujos olhos brilham e a tez cora, sempre achei que eles merecem um quê de felicidade. Por isso soprei em seu rosto. E vi que Lucas enrubesceu imediatamente. Sorriu mais largo e disse aquela frase que eu pedi que dissesse:

– E se fôssemos dar uma volta agora!

Beatriz arregalou os olhos como uma criança que acaba de ouvir um palavrão da boca do primo. Olhou para os lados, para ter certeza de que ninguém estava perto. E então eu me levantei e parei atrás dela. Soprei em seu ouvido direito e algumas mexas e seu cabelo voaram. Vi que sua nuca se arrepiou. Era o frio do meu hálito ou era o rubor de seus pensamentos?

– E se você me levasse junto? – ela meio que murmurou para o rapaz com o destino contado.

Percebi que tinha criado um monstro. Isso ia me dar problema.

– Você viria?

– Você teria que ser rápido, porque... meu irmão mais velho é polícia.

Lucas levantou a sobrancelha e eu achei que ele desistiria. Era melhor assim. A garota ia me dar um trabalhão. E não fazia parte dos meus planos. Quero dizer... uma escapadinha, algumas horas felizes antes da hora mágica, quem sabe uma compensação pela vida que se perderia mais tarde... Isso não tinha problema.

Mas o que percebi crispando entre os dois era mais complexo.

– Onde pego você? – ele perguntou. E eu soube que havia acendido, num piscar de olhos, ou no meu sopro inconsequente, uma chama para a qual talvez tivesse que dar mais atenção que o costumei-

ro. Dei de ombros. Se podia evitar aquilo? Podia. Mas de repente me senti divertido como não me sentira antes.

– Está indo pro sul? – ela perguntou, agora mordendo os lábios.

– Pro litoral.

– Me pegue daqui a cinco minutos naquele outdoor da Cachacaria, ali na curva – Beatriz disse entre os dentes e olhando na direção do balcão com aqueles enormes olhos verdes que tinha. Saiu apressada. Lucas se foi.

Ela ensinou para ele um caminho que os viajantes comuns não usavam. Levava mais tempo e passava por um trecho com quase dez quilômetros de estrada de chão. Mas Lucas gostou muito. Ela também lhe contou que sua mãe, quando era jovem, tinha feito uma loucura daquelas. Como eu ia adivinhar? Estava no sangue dela e foi isso que acendeu a fogueira. Claro que eu poderia ter prestado mais atenção em Beatriz e teria visto. Mas era apenas um flerte de beira de estrada. O que poderia dar errado?

A mãe se chamava Leonora e eu me lembrei perfeitamente dela. Estive a seu lado, muitos anos antes. Claro que estive. Eu estava naquele ônibus, acompanhando os garotos de cabelos longos que faziam aquele barulho infernal e divertido. Era começo dos anos 1980 e

eles queriam porque queriam pegar a estrada pra tocar o velho rock'n'roll. Muita gente fez isso entre os 1960 e 1980. Depois o tesão por essas aventuras meio que passou. Os garotos com quem Eleonora fugiu chamavam-se... deixe-me lembrar... Ah, sim, eles tiveram muitos nomes. O último era o melhor: Treze Centavos. Porque, perto do fim da viagem, era tudo o que tinham no bolso...

Eleonora saiu viva daquela viagem. Como poderia ter me esquecido dela? Passou bem ao meu lado... E Beatriz tinha o sorriso dela, da mãe. E nunca ouvira de sua mãe a parte ruim da história. Talvez se Eleonora tivesse contado como realmente terminara sua viagem quase fatal...

Lucas e Beatriz pararam para ver a serra quando ultrapassaram o limite mais alto da viagem. Ela disse que aquele era o visual mais bonito que poderiam ter em toda a jornada. E ele disse que já tinha visto uns tantos outros lindos assim, mas que nunca com uma companhia tão especial. Ela sorriu aquele sorriso e achou que estava mesmo vivendo uma aventura tão espetacular quanto vivera sua mãe. Apenas que Lucas não era um músico e não tinha cabelos longos.

– Essa é a vista mais linda que vi em toda a minha vida – ela disse, com aquela sua voz que enternecia até a mim. Senti um sorriso brotando nos meus lábios. Em minha defesa, preciso dizer que, em

geral, eles são fáceis nos meus lábios. E são do tipo sincero.

Havia algumas nuvens muito brancas no horizonte acima do mar, vinte quilômetros abaixo deles. Vi nos olhos de Lucas que ele se lembrava de algumas tardes felizes na casa da mãe de sua mãe. Ela morrera há alguns anos, depois de se casar com Ernesto. O câncer a levou e me lembro perfeitamente de seu sofrimento. Mas... não pude fazer muito. A cada um a sua sentença e preciso respeitar isso.

Beatriz se virou para Lucas, encostada na sacada de pedra do mirante. Mordeu de novo os lábios. O rosto estava sério, mas iluminado.

– Tenho sonhos em que caio até o fim de um penhasco sem fim... e que um anjo vem me salvar da morte. Acaba de me ocorrer que... esse anjo... tem o seu rosto.

Lucas sorriu. Balançou a cabeça.

– Pois quando eu morrer... quero ver o rosto do anjo que vem me buscar. E espero que seja o seu rosto. Se eu nunca tivesse esbarrado em você, teria que encontrar seu rosto nos desenhos daquelas nuvens lá no céu... Ou em alguma história que alguém me contasse deveria ter... essa heroína linda e destemida que me salvaria do destino trágico.

Levantei a cabeça para olhar para o céu aberto.

– Preciso fazer uma coisa amanhã cedo – Lucas disse, quando estavam se ajeitando naquele quarto, horas depois. Ela não tinha trazido nada. Estava ainda com o vestido que usava na lanchonete e ele prometeu que fariam compras ainda naquela noite.

– Vi um shopping perto daquela última curva que fizemos depois do posto.

– Também vi. Podemos tomar um banho e dar um pulinho lá.

– Isso é um convite? – ela perguntou.

Depois do banho, ele a carregou para a cama como se fossem recém-casados e a enxugou lá. Demorou um tempo enorme e eu fiquei vigiando e apreciando... Não, não desta maneira que você pensou. Até porque este ser não é dotado dos... mecanismos que você ou Lucas ou Beatriz ou mesmo Eleonora têm.

A esta altura, acho que você já percebeu que estou aqui, mas nem eles ou mesmo você podem saber ou ver quando estou. Não, Lucas jamais vai ver o rosto do anjo que o virá buscar. Nem em nuvens. Nem em histórias que alguém lhe possa contar. Pois o fogo... o fogo caminha a seu lado e você jamais se dá conta dele. Ele queima você sem que o veja de fato.

Naquele instante fatal, você talvez entenda que eu estou a seu lado. Mas é uma percepção, nada que os sentidos de carne possam

captar.

Dentro daquilo que chamam de existência, vi coisas belas, lindas e magníficas. Mas nada se compara à beleza selvagem do amor. Há mais divindade nos segundos do orgasmo que dentro de qualquer templo. Mas meu sentimento de júbilo e satisfação passa longe do físico.

Ele a beijou em muitos lugares, a começar com a testa e os olhos. Selou cada pálpebra com os lábios e depois as faces coradas. Percebeu que ela arfava e parecia tensa. Franziu o cenho e tocou seu rosto com dedos leves e carinhosos.

– Eu nunca fiz... – ela disse. E ele não pareceu surpreso. Longe disso. Mas encostou sua cabeça na dela e encarou seus olhos verdes muito de perto.

– Se não quiser...

– Eu quero.

Não havia dúvida em sua voz. E eu me senti para vê-los. E me senti feliz de estar ali. E divertido enquanto o via se posicionar e ela desviava os quadris no último instante. Ela fechava os olhos, mordida os lábios e ele parava o que estava fazendo.

– Vou entender se você disser que não quer.

– Mas quem disse que eu não quero? – ela resmungava com sua voz meiga, um segundo depois, abrindo os olhos desafiadoramente. E

ele tentava outra vez.

Por fim, quando Beatriz cedeu, sentiu um pouco de dor. Muito mais pelo nervosismo, embora Lucas tenha tentado e tentado da melhor maneira que pode. Em pouco tempo a dor foi sendo substituída por uma sensação de torpor quase espiritual. Por um instante, achei que ela não seria capaz. Não me preocupei com o rapaz, porque com os homens não se precisa ter esse tipo de cuidado. Mas quanto a ela...

E preciso dizer que ele fez bem o papel que lhe cabia.

Lucas acordou com o alvorecer, embora não pudesse ver a manhã lá de dentro do quarto de motel. Desvencilhou-se dela. Tomou um banho rápido, frio, para despertar. Depois que se vestiu, parou na porta do banheiro e passou alguns instantes observando-a. Era uma garota linda. E decidiu que, depois que terminasse o que tinha que fazer, voltaria para levá-la até sua casa e fazer a coisa certa, da maneira certa. Talvez enfrentasse algum problema com seu irmão policial e seu pai dono de posto. Mas se pudesse ter a chance de lhes dizer...

Lucas não sabia ao certo como faria aquilo, mas queria fazê-lo. E me peguei pensando em como aqueles eram pensamentos inúteis.

Senti pena. Olhei para Beatriz naquela cama, dormindo feliz, e mesmo o pensamento lógico de que eles apenas se separariam por al-

gum tempo não me foi suficiente. Encarar-lhes a solidão naquela juventude cheia de descobertas e promessas era dolorido. Sim, já senti isso antes inúmeras vezes. Sem conta. Não é remorso, entenda: é tristeza.

Porém, desta vez... parte da culpa daquela dor seria minha. Não tivesse me intrometido, ela ainda seria a garota virgem servindo café na lanchonete do posto.

Não se preocupe, estarei de volta em uma ou duas horas. Espere por mim – li seu bilhete enquanto escrevia. Ele colocou na cabeceira da cama. E se foi. Deitei um último olhar na direção de Beatriz. Tinha ainda uma longa vida. Mas parte dela seria triste e solitária agora. Minhas marcas em sua alma demorariam a tornarem-se cicatrizes. Eu não devia ter feito aquilo. Não devia tê-los incentivado. Ela não deveria ter passado mais que três segundos com ele.

Sim, já cometi erros assim outras vezes. E, mesmo com o tempo, a sensação de culpa não se aplaca.

E não, a culpa não é prerrogativa humana.

Lucas dirigiu pela rodovia por mais seis quilômetros e entrou na cidade pelo pórtico principal. Conferiu o endereço no pedaço de papel que trazia na carteira e depois no GPS do telefone. Depois de contornar duas ou três avenidas, encontrou a viela que queria. Fazia

uma manhã bonita agora e eu estava parado no poste abaixo do prédio que ele procurava. Fiquei ali, olhando-o decidir-se pelo que ia fazer. Saltou depois de ajeitar a arma sob a camisa branca. Estive com ele quando a comprou de um traficante em Remo, mil e oitocentos quilômetros ao norte.

Dei uma olhada no prédio. Era uma construção alta, velha, robusta, de tijolos pequenos, aparentes e gastos. Os apartamentos da frente exibiam jardineiras falidas e janelas velhas e encardidas. Nos fundos era bem pior. E era para lá que Lucas seguia. Caminhei junto dele, vigiando seus passos. Estávamos bem perto agora.

Subimos as escadas estreitas e escuras e chegamos ao quarto andar. Segui Lucas até o fim do corredor, onde encontrou o apartamento 4044. Ficou ali parado por alguns instantes. Sacou a arma e conferiu o pente. Depois a bala que ficava no carregador. Com sorte, precisaria apenas dela.

Respirou fundo. Parte dele argumentava que, depois daquilo, jamais seria o mesmo. Talvez fosse corroído pelo remorso. Talvez, pior ainda, conseguisse sobreviver sem marcas: e se acostumasse a isso como a mão direita se acostumara ao cabo da arma. Era quase uma extensão sua. Era quase parte de sua mão. E era fácil segurá-la.

Pensou em Beatriz. Primeiro, a Beatriz sua mãe. Depois, naquela dormindo segura e tranquila na cama barata de motel. Por que a

trouxera ali? Ela não tinha nada com seus problemas, com sua vingança absurda...

– O que eu sei, querida, é que vou levar comigo, onde for, todas as poucas lembranças que eu trouxe de você – ele meio que orou, de olhos fechados e tudo. Eu suspirei. Ele sorriu. Eu me senti de novo culpado. Olhei para o começo do corredor. Mesmo dali, podia ver Beatriz acordando naquele quarto. Estava sozinha. Estava faminta. Mas sorriu quando viu o bilhete de Lucas. E nem por um segundo lhe passou pela cabeça que ele pudesse abandoná-la. Porque ele não faria aquilo. Jamais faria. Não por sua livre vontade.

Mas ele não tinha mais livre vontade.

– Vamos, faça o que veio fazer e vamos acabar logo com isso – murmurei.

E ele obedeceu. Deu um passo incerto e bateu na porta com o punho da Glock. Depois de alguns segundos, ouvimos barulho vindo lá de dentro. Senti o cheiro daquele homem. Estive perto dele várias vezes também. Muitas vezes. Vezes sem conta.

– Quem é? – sua voz rouca de cigarros chamou.

Lucas abriu a boca, mas não sabia o que dizer. Balançou o queixo. Segurou firme a pistola.

– Quem é, porra? – o homem berrou agora.

– S-senhor Santos? – o garoto finalmente perguntou.

– Quem quer saber?

– Carlos Santos? – Lucas insistiu.

– Da parte de quem?

Procurou a resposta no assoalho do corredor. Deve ter encontrado, porque levantou a cabeça e de repente havia certeza em seus olhos. Era a certeza dos assassinos. Li naquelas retinas que finalmente aceitara minha companhia. E eu era agora a chama que alimentava seu desejo. Infelizmente, não estava li para aplacar sua fome, mas para levá-lo comigo.

Não chore, meu menino, porque vim buscá-lo bem antes. Você viu a luz do sol com os olhos mais confiantes do mundo, felizes e fuzgas. Viu isso quando olhava no espelho, ainda garoto, e o mundo era uma aventura, uma bola de futebol pronta para ser chutada – pensei.

– Venho da parte de seu irmão, Marcos.

Houve silêncio do outro lado. Um silêncio mortal. Do outro lado, Carlos Santos permanecia estático, de olhos esbugalhados e pele pálida. Como seu irmão chegara até ali? Depois de tantos anos...

Abriu a porta depressa e encarou o rapaz magro parado no corredor. Lucas devia ter vinte, se tanto, e era um pouco mais alto que a média. Tinha cabelos desgrenhados. Vestia uma roupa comum e parecia um garoto comum. Mas havia algo em seus olhos... Carlos conhecia isso. Conhecia essa marca. Era uma marca que ele mesmo carregara

por muito tempo. Lembrou-se de seus dias sem fim naquele abrigo pulguento, tentando se proteger como podia – piorou quando seu irmão foi adotado e se separaram para sempre. Lembrou-se brevemente de que esse... *trabalho* que tinha era apenas um meio de fuga, uma rota que lhe escondia da alma os próprios medos e a própria escuridão.

Começou a matar ainda jovem – um par de anos menos que Lucas tinha agora – e passamos a nos encontrar mais, eu e o Carlos Santos que a polícia procurava agora pela morte de sete moças mais novas que a Beatriz naquele quarto de hotel.

Quando começou seu *trabalho*, a morte dos outros passou a ter um gosto tão... viciante!

Lucas levantou a arma e apontou para a cabeça de Carlos Santos. E eu entendi que era chegada a hora. Se houve algo a ser feito, eu não tinha mais muito tempo. Mas... o que mais poderia fazer? Já havia interferido antes e... e Beatriz sentiria isso por um longo tempo e carregaria em sua alma o meu erro – a tristeza que sentiria por ter conhecido o amor de sua vida poucas horas antes de ele morrer. Ela seria uma pessoa diferente agora. Seria... *menos*. Por minha culpa.

– O que é isso? – Carlos Santos balbuciou.

– É pelo que fez com todas aquelas meninas! – Lucas rosnou. Sua mão tremia, mas ele não podia errar daquela distância.

De qualquer forma, não era importante se iria errar ou acertar.

O psicótico assassino de meninas perdeu o que havia de cor em seu rosto.

– C-como...

Por um raro instante, percebi que deveria interferir novamente. Mas não podia. Fazer isso por um pequeno desvio (como deveria ter sido o encontro de Beatriz e Lucas na lanchonete) era uma coisa. Mudar o destino deliberadamente... isso era diferente. E vezes sem conta eu já repetira aquele erro. Nunca terminava bem.

Um dos meus erros terminou num naufrágio, certa vez. E um segundo em uma guerra que custou mais vidas que as duas que poupei.

Sim, sou livre para interferir no meu trabalho. Mas aprendi que o que faço tem consequências. O que me leva a acreditar que existe mesmo um plano por trás de tudo. Mas eu não o conheço. Não me é dado saber. Assim, busco sempre obedecer e seguir o plano. Um ou outro desvio inocente não...

Não existem desvios inocentes. De qualquer maneira, eu não queria que aquele ali fosse um deliberado desvio que pudesse terminar com a... com a... Com o que quer que acontecesse se eu resolvesse me meter. Como eu poderia saber que consequências mais uma interferência minha, por mínima que fosse, poderia trazer?

Assim, decidi que não podia fazer mais nada. A vida de Lucas

terminava ali. Observei-o por um breve instante e, depois, o homem barbado, de cabelos desgrenhados e muito brancos, de pele curtida e muito enrugada. Um velho que não poderia fazer mais mal a ninguém. Mas que tivera sua cota de pecados durante aqueles anos todos.

Lucas tremeu uma última vez e seu braço esticado tomou a consistência do aço. Vi que seus lábios descreveram um arco para baixo, para o queixo. E os olhos se decidiram finalmente. Você pode ver nos olhos das pessoas quando elas tomam uma resolução. Ela está lá, escrita em tinta preta contra o branco calmo e perene da eternidade.

Vi seu dedo roçar o gatilho e... ele pensou uma última vez em Beatriz, antes do fim. Ele a viu, em sua imaginação, como eu a vi um minuto antes. Uma garota linda, feliz e... *mágica!* De que outra maneira poderia descrever o que havia acontecido com os dois? Ele não podia saber que eu estava lá. Não podia saber que a culpa era toda minha. E então...

Lucas soltou o ar com força, deixando cair o braço como se todo o peso da gravidade, de todo um planeta, impulsionasse a arma para o chão. Arregalei os olhos de perplexidade. Aquilo não estava certo...

Estava escrito que ele tentaria matar o psicótico procurado pela morte daquelas moças. Ele queria vingar o que quase acontecera a si mesmo quando era só um garotinho – nas mãos de outro degenerado.

Parte dele achava que poderia sair por aí, pelo mundo, caçando homens como aquele Carlos Santos, entregando-os a mim como um coletor de almas perdidas.

Mas agora Lucas deu dois passos para trás, tentando encontrar os motivos de antes no chão. Não estavam lá. No lugar deles... viu Beatriz. E uma paixão que cegava e tomava conta de tudo.

Levantou os olhos e encarou o velho na porta. Era uma caveira esquelética, desgredada, decrepita, desgraçada. Balançou a cabeça negativamente e largou a pistola no chão. De repente, o peso dela era maior do que podia suportar.

– Expie você seus próprios pecados... – o rapaz murmurou. E pegou a reta do corredor tremendo de medo, pavor. Mas ao mesmo tempo leve e incrédulo. Tinha viajado todos aqueles quilômetros atrás daquele patife, daquela escória... para... nada?

Vim por Beatriz! – ele pensou. E um sorriso surgiu em seus lábios, enquanto eu o via crescer diante do mundo. Nesse momento, senti-me meio perdido e... feliz. Mas apreensivo, certo de que minha interferência inicial, lá na lanchonete do posto que pertencia ao pai de Beatriz, fora ainda mais profunda que de início suspeitara.

Lucas passou por mim, resolutivo. Não havia mais temor. Ele sabia outra vez o que queria. Sabia o que fazer. E não estava mais em seus planos assassinar um velho desgraçado para vingar... vingar o quê?

Sua infância assustada por pesadelos em que aquele outro psicopata degenerado conseguia finalmente mutilá-lo até a morte? Ou vingar os meninos e meninas que não lograram êxito em fugir de outros tantos como o Cristão, Rubi ou mesmo o Carlos Santos ali atrás? Ou o Carrasco que fora o demônio pessoal de Afonso e, em parte, de seu irmão Alonso Fraga, que se casara com a Beatriz que era a mãe de Lucas...

E então eu senti aquela brisa outra vez. Poucas vezes ela me pegou no contrapé. E nesse momento tive um vislumbre do que viria. Sempre prevejo o momento. Tinha sido assim com Lucas. Foi assim sempre. Com todos. Porque estou em todos os lugares. Entenda que o tempo e o espaço são celas... clausuras da existência humana. E eu estou longe disso – de ser humano. Sou de outra espécie. Anterior. Portanto, sempre posso estar em todos os lugares. Mas, já expliquei, não me é dado saber tudo. E às vezes... poucas vezes...

Senti aquela brisa soprar do fim do corredor e olhei de volta para o velho. Lucas seguia a cinco metros dele, em seu caminhar resolutivo. Carlos Santos abaixou-se e apanhou a arma. Estava bem ágil para a idade. Observei-o olhar atônito para a pistola e depois para o rapaz indo embora. O assassino não tinha a mínima noção de quem era aquele moleque insolente. Mas citou seu irmão, o garoto que não via há dezenas de anos. Não queria vê-lo, porque... porque... tinha seus pró-

prios pesadelos com o pequeno Marcos e o mesmo Carrasco que tomava conta das crianças no antigo orfanato em Remo. E nesses pesadelos, o Carrasco tinha seu próprio rosto, o de Carlos Santos.

Vi o velho fazer uma careta de raiva e, em seus olhos, enxerguei a insanidade carpida pela crueldade dos anos e das horas mergulhado nas terríveis lembranças daquele quarto onde moravam os ratos. Era isso que os meninos diziam para o irmão mais novo de Afonso Fraga: que havia ratos no quarto ao lado...

Olhei de volta para Lucas. Ele seguia adiante no corredor escuro e estava a três passos de virar para o primeiro lance de escadas. Olhei para baixo, para os seus pés, e vi que suas pegadas deixavam um rastro de fogo no assoalho. Era o fogo da morte. Meu fogo. E eu caminhava com ele naquele instante. E as chamas se extinguíam, mas ainda estavam lá.

Voltei-me para o velho e ele erguia a arma com aqueles braços caquéticos que tinha. Segurou com força, com as duas mãos. E de onde estava, vi que acertaria a nuca de Lucas com a precisão e destreza de um arqueiro de elite. Dentro dele: raiva, medo, remorso, dor, culpa e desprezo. Ele estava fora de si. Como ficava quando se perdia para os pecados que sabia cometer. Como ficava quando confrontado.

Fechei os olhos no instante em que ele apertou o gatilho.

Lucas havia comprado aquela arma há uma semana, alguns meses depois de descobrir o paradeiro do primeiro psicótico que estava em sua lista – sim, ele fez uma lista. Foi quando o senti. É assim que funciona. Num determinado momento, sinto a sua presença. E o seu fim nesta terra de homens chega.

Fui com ele até aquele beco escuro em Remo, no lugar que os viciados e bebuns chamam de O Valão. É um lugar que me dá muito trabalho, que acabo visitando bastante. Comprou uma pistola roubada, raspada, que fora de um traficante de quinta categoria morto porque se apaixonara pela mulher errada – uma madame bêbada que queria estragar os negócios do marido. A arma tinha um problema que se agravou depois que Lucas a testou doze vezes, mirando latas vazias num mata-gal da serra, acima da casa à venda de sua avó morta. Tivesse tentado um décimo terceiro tiro...

Quando pegou a estrada para ir atrás de Carlos Santos, seu destino estava traçado no décimo terceiro tiro. Aquele que daria no assassino de meninas.

O barulho da arma disparando explodiu no corredor do prédio. Um estalo muito mais alto que o de costume. O projétil não encontrou saída no cano estreito e deformado da pistola e toda a parte de cima estourou na direção de Carlos Santos. Um tiro pela culatra que deveria

ter matado Lucas na porta daquele apartamento.

O rapaz se abaixou assustado, quase caindo de quatro. Olhou para trás para ver o corpo tombando a cinco metros, a cabeça estourada pelo tiro espirrado, a mão sangrando esfacelada pelo resto de pistola arruinada.

Lucas ficou ali parado por alguns instantes, olhos arregalados e o coração a mil. Algumas portas se abriram. As pessoas horrorizadas olhavam para o homem morto pelo tiro invertido lá no fim do corredor.

Aos poucos, o rapaz foi entendendo o que havia acontecido. E percebeu que deveria ter sido ele morto naquele canto agora.

Quanto a mim, que não sei tudo (anjo nenhum pode saber), entendi que minha interferência na lanchonete havia causado aquilo. Eu não tinha como saber – mas entendia que a coisa não poderia ter um bom fim.

Ou podia?

Lucas foi embora antes de a polícia chegar – teria que explicar muita coisa. Era melhor voltar para o motel e seguir os planos que agora se abriam a sua frente.

Fim

A chama inicial debaixo dos meus passos

No início de 2012, comecei a pensar numa série de contos que tivessem alguma relação com as músicas que estava escrevendo naquele momento para um trabalho solo. Acho que não é novidade que faço parte de uma banda de blues e já passei por algumas outras – sou um apaixonado por esse ofício também, o de unir histórias e melodias e criar algo novo, sonoro e harmônico!

A ideia acabou se expandindo para alguns contos que já estavam escritos e acabei me dedicando também a criar músicas para eles.

Mas com “O fogo caminha comigo” foi um tanto diferente.

Garimpendo velhas canções perdidas que eu havia escrito e que nunca saíram do papel (ou das cordas do violão encostado ali na parede da sala), acabei esbarrando com essa letra que falava sobre morte, sobre... morrer cedo. Eu sinceramente não me lembrava de tê-la escrito, mas a ideia por trás de “O fogo caminha comigo” estava muito mais na concepção de dias e minutos bem vividos do que no macabro que ela possa parecer aludir.

O título na verdade foi inspirado numa fra-

se/slogan/oração/verso (seja ela o que for) da série *Twin Peaks*. Era mágica: *o fogo caminha comigo!* Peguei emprestada a chamada quase visual de David Lynch e escrevi aquela canção – que nada tem a ver com a história do seriado, diga-se.

Pois quando esbarrei com a música de novo, entendi que precisava complementá-la.

A ideia para o conto surgiu enquanto eu escrevia um dos capítulos do romance *A casa dos anjos tortos*, um texto complicado em que eu ainda estou trabalhando – e gastando tempo desencapando e emendando fios. Trata-se de uma história policial, envolvendo corrupção e assassinato. Numa determinada passagem dela, os dois protagonistas visitam a casa abandonada de uma senhora já falecida, cujo neto havia sido vítima do assassino de Remo. É uma citação direta ao livro *Os ratos do quarto ao lado* e, por alguns instantes, eles discutem o que teria sido feito do menino, sem chegarem a conclusão alguma.

O diabo é que eu mesmo fiquei curioso.

O Lucas protagonista de *O fogo caminha comigo* é o mesmo garotinho filho da Beatriz de *Os ratos do quarto ao lado*. E, tendo passado o que passou, fiquei me perguntando o que poderia salvar uma criança daquele destino torto entregue ao Rubi e ao Cristão da história que se passa no meio de uma série de mortes de meninos na cidade de Remo.

Na história que você leu, ele já é um jovem crescido e tem seu

segundo *encontro* com a Morte – de uma maneira mais fantasiosa que no livro, reconheço.

De certa forma, entendi que o destino que leguei a ele precisava de uma re-orientação. Mesmo que por um tropeço do anjo responsável por cobrar nossas vidas.

Não é necessário encarar *O fogo caminha comigo* como uma continuação de *Os ratos do quarto ao lado* – esta é uma história inteira, fechada e sem desvios.

Entenda a pequena história que leu como uma gota de chuva no meio de uma noite inteira de tempestade furiosa.

Jefferson Sarmiento.

Agosto de 2017.